

MOLDURA VERDE/JARDIM DAS FALÁCIAS
Área arborizada com pau-ferro, tendo a visual preenchida por troncos brancos e cinzas

MÓDULO A
Volume de concreto erguido sobre pilotis com grandes balanços em sua seção transversal. Contempla biblioteca, auditório, salas de aula e a reserva técnica

TEATRO DE ARENA
Espaço aberto para grandes eventos com arquibancada. A cobertura pode ser a sinalizada, uma estrutura de polietileno denso tensionado

MARCO/TORRE/PIRA
Volume de concreto alto com uma pequena abertura onde se vê o fogo. É um polarizador das visuais.

Pavimentação cimentícia em tons de vermelho

MÓDULO B
Volume de concreto erguido sobre pilotis com grandes balanços em sua seção transversal. Contempla outras galerias, conveniência, auditório, salas de aula e a burocracia

PARQUE BURLE MARX

FACULDADE

Brisas de 3x3, 3x2 e 3x1 metros, vermelhos e grande entorno do eixo vertical

Jardins rubros, com plantas de folhagem em tons de vermelho

Espelhos d' água

ACESSO RESTRITO A

CORPO DE BOMBEIROS

As circulações verticais são dadas nestas torres vermelhas. As saídas para as coberturas e as calças d' água também se encontram aqui

Claraboias para melhor distribuição da iluminação. Possuem abertura protegidas para a saída de ar quente

Os módulos possuem uma estrutura vigorosa, com pilares triangulares, vigas em balanço, concreto protendido e cabos de aço

ACESSO RESTRITO A

BANCO DO BRASIL

ACLIMATAÇÃO
Praça que recebe os visitantes, enquadrando preliminarmente as edificações e preparando para restante do Centro Cultural



ENTRADA PRINCIPAL
Bloco quadrado vermelho com poucas aberturas que distribui os visitantes tanto para a Praça Central quanto para o Memorial

AVENIDA W5

ATENDIMENTO AOS VISITANTES

Pavimentação em tons de cinza

Conheço aquele sabor metálico inconfundível de ferro? Isso, ferro, que se dilui como chumbo através da garganta? E, não conheço tão bem assim e parece muito fácil falar de sangue quando o museu inspirador não é o próprio ser, não concordam? Mas como resistir a diluir e a redigir uma carta com o amargor de um anti-herói ou de um esquecido prisioneiro? Vamos, diga-me quantas palavras toscas ainda podem ser vomitadas? Quem escreve é mesmo um burguês escatológico de versos e de prosas samaritanos e com uma consciência pesada, mas que, ainda assim, vê na loucura e no nefasto sentimento de entrega a causa sua perseguição, tendo que insistir em falar do que não viveu: Ditadura branda, Ditadura hostil, Ditadura dos pobres, Ditadura dos liceus. Esse é o grande atenuante, a vida, daqueles que ouvem os sussurros medonhos do passado e daqueles que insistem em reaparecer, e quem vive, de alguma forma, pode expressar qualquer vibração, concordando ou não... o que se faz neste instante.

Agora que fomos apresentados, deixe-me sair, senhor, e lhe mostrarei os grilhões e cada farrapo sujo de rubro ou de escorbuto. Nada será como antes e que bom que se possa contar uma outra versão dos arquivos mortos... estupidamente mortos... dos anos de chumbo, dos anos dourados, dos tempos de violência, dos tempos de discurso, dos dias de glória, dos dias de silêncio... que não queremos reviver, não é mesmo?

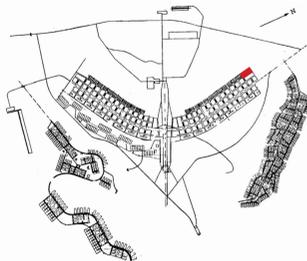
Entretanto, isso é história, e, mesmo não querendo repetir, haveria algum problema em falar um pouco sobre isso? Julgou-se que não, e neste clima sanguíneo de balas perdidas, rostos sem nome, avanços e falácias, foi instigada a criação de um memorial que contasse uma narrativa desses tempos ainda não tão distantes.

Convida disto, o que viria a ser este projeto? Primariamente, se pensou em uma tradução literal de todos os palavrões picados nas latrinas dos presídios, algo sujo e inspirador que revelasse o âmago dos que mais mataram e mais sofreram, mas logo essa concepção radical foi se apertando. Em um tom mais ameno, foi-se procurando algo que ainda traduzisse esse profundo medo e total exasperação, mas que conjugasse o alívio do brilho do sol. Concordeu-se, assim, que a loucura, o exagero e a simplicidade viriam a ser, portanto, o suporte deste novo encontro.

O termo recluso memorial, de exclusivo pensamento bélico, passou então para centro cultural, sendo agora mais aberto para o diálogo do passado com o futuro, o CC25 (Centro Cultural 25 de Outubro). Esse novo tipo de espaço não mais serviria como poço de lembrança, mas poderia finalmente culminar em novos olhares e ultrapassagens, a democracia que revela no seu nome em si. Os conceitos analisados e escolhidos sustentariam o que foi exposto, essa perseverança paradoxal, permitindo todo o traçado de um mundo cenográfico para o visitante. Assim, foi trabalhada a exatidão o que poderia surgir a partir da síntese disto, um contínuo esforço de introspecção e exteriorização, dueto base de outras dualidades que se espalhariam sorridentes por todo o projeto, fazendo um grande jogo perceptivo de luz e sombra, aura metafísica e cinza-vermelho-sol.

o sítio

Para o projeto, após análise de várias localidades, inclusive no Eixo Monumental, foi escolhida uma área que parece ter sido destinada para este fim: a SGAN 916, Brasília-DF, Brasil.



Desgastada pelo uso e antes dedicada a internação de jovens infratores, a área fica no final da porção norte da cidade, zona bastante negligenciada pelos governos, sem grandes atrativos culturais e com uma população crescente. O CC25 viria assim, a qualificar este espaço, dando alternativas de diversão, conhecimento e arte para a população local e criando um forte ponto de ligação dentro as demais edificações. Talvez seja ainda mais, o CC25 viria a trocar um antigo centro de internação por um memorial rico de alternativas educacionais.

O sítio de 68850 m² é quase quadrado, com aproximadamente 255 metros em sua porção menor e 270 metros na maior, contando ainda com uma declividade leve de 3%. O terreno, hoje rasado pela demolição das antigas edificações, faz fronteira em sua margem sul com uma faculdade, na oeste com o futuro Parque Burle Marx, na norte com o corpo de bombeiros e na leste com a avenida W5 (a qual é a testada de entrada), está próximo de uma das sedes do Banco do Brasil, de concessionárias de carros, de inúmeros hipermercados e de importantes vias da cidade, como a W3, EPIA e DF-001.

concepção, arquitetura e forma

Provavelmente, após uma leitura dos principais conceitos da Gestalt ficariam deslumbrados com o poder que o destaque pode ter. Um elemento pequeno e desloca-

do tingido de azul em meio a um grande bolsão branco, por exemplo, logo direciona nosso olhar para tal. Contudo, o que normalmente não se procura na arquitetura e que talvez vá diametralmente oposto a este pensamento são os meios estruturantes deste projeto.

Após uma intensa pesquisa de referências, de obras com conceitos similares, com desenhos extraordinários ou com soluções arquitetônicas interessantes que poderiam ser aplicadas ao projeto (Museu Judaico de Berlim/Alemanha; Jardins de Burle Marx; CCBB Brasília; FAU-USP; Pavilhão Brasileiro e Igreja da Luz em Osaka/Japão; MASP São Paulo; Museu da Memória de Santiago/Chile; Casa Baião em Portugal; Casa Luz Barragão no México; Salk Institute em La Jolla/EUA; e até algumas instalações e obras pictóricas como "Desvio para o Vermelho" de Cildo Meireles; "Guernica" de Pablo Picasso; "Necessidade" de Käthe Kollwitz e "Piazza d'Italia" de Giorgio De Chirico) foi feito um traçado regulador simples, que se cruzou nas duas direções e se repeliu, formando uma malha estruturante, e se aplicou mais efusivamente essas referências no potencial que se poderia ter, a partir daí, ao se extrair o máximo da cor ou da ausência dela, de visuais e dos conjuntos de cheiros e vazios.

Há um trabalho sucessivo de pequenos e grandes elementos, malha e objeto, na qual se deu destaque para as possibilidades das formas retangulares, principalmente o quadrado, e para a cor vermelha. Forma e cor juntos, variando em tamanho e tom, saíram do cinza e negro, como pixels, passando por uma variada gama de vermelho, até a cintilante ausência branca no centro – uma alusão ao caminho da ditadura-democracia. A composição cria assim um direcionamento visual para o espaço continuamente vermelho ou para o céu, que o liberta do plano rubro. Este é o espírito do jogo de introspecção e exteriorização que a todo instante é redito.

Dada esta explanação, a proposta de organização simultaneamente linear e centralizada, é composta por 7 elementos: Aclimação, Entrada Principal, Centro, Módulos, Memorial, Marco e Moldura Verde.

A Aclimação é o espaço de recepção do centro cultural e é composta pelas entradas viárias, entradas restritas, estacionamento e praça – esta última, já fazendo um enquadramento preliminar das edificações, desenhada com polígonos de paleta cinza diminutos, os quais preparam o visitante para o que vem a seguir.

A Entrada Principal é um bloco quadrado baixo completamente vermelho que parece ter saído da praça seguinte, o qual liga a cidade ao projeto. Bastante fechado, distribui os visitantes de forma retineira para o memorial e a praça, dando início ao circuito e à distância entre processos internos e externos.

O Centro é todo espaço conformado pela grande praça principal. Estrutura dominante da proposta, nela encontramos o elo com todas as edificações e significações pensadas. Aqui o conceito primordial da exteriorização fica mais latente com os polígonos maiores, com o intenso vermelho pixelado em variados tons e com a falta de proteção que é característica de um espaço aberto. Nele, há uma convergência para o meio dado pelo degradê cromático, como as visuais sempre direcionam para o céu, para o marco ou para o ângulo rubro que está no plano do chão e das janelas. O espectador

não mais observa os símbolos solitários, mas se encontra imerso em um mar de plantas e pisos escarlates o qual não se desenvolve sem olhar para cima. Esta área ainda conta com um teatro de arena com capacidade aproximada para 1000 pessoas.

Os Módulos são compostos por duas edificações gêmeas de um pavimento, dotados de subsolo e pilotis, com orientação norte/sul em suas maiores fachadas. Esses longos volumes abrigam a evolução do memorial, ou seja, ampliam-no realmente para centro cultural, introduzindo atividades como biblioteca, auditório e salas de aula. Tais módulos são de concreto protendido aparente, contam com diversos brises vermelhos de tamanhos variados, têm plantas livres e, apesar de aparentemente herméticos, tem certa leveza perante suas soluções estruturais, já que impõem balanços grandes balanços em suas seções transversais, têm tórrico aberto e contam com pilares de formato triangular – simulando um pequeno toque ao chegar ao piso – sem falar na possibilidade de se tornarem amplamente abertos com o giro das proteções solares. Consoante e paisagisticamente, esses prédios emolduram espacialmente o centro e reforçam a visual do marco, como dialogam dentro do projeto com o memorial, estabelecendo uma polarização de passado e futuro, ou sugerindo novamente a dualidade ditadura-democracia.

O Memorial é o grande enfoque do projeto, pois dele sai a temática primordial. Logo abaixo da praça, seu percurso começa na entrada principal, e se revela por uma longa rampa escura... propositalmente escura, na qual a luz só existe em sua mais tênue e minúscula forma para a caminhada do visitante. A cada palmar, uma porta carcerária se desvela, quase sem querer que se entre, e introduz os espectadores ao martírio cultural daquele espaço e daquela mostra – as galerias são ainda mais escuras e pintadas de preto, com as obras de arte, documentos e fotos expostos com a pouca luminosidade necessária para sua legibilidade. Na medida em que os visitantes são guiados para frente, maior o pé-direito e talvez a sensação de que se está chegando ao abismo, que logo se anuncia como alívio – as últimas galerias já não são mais pintadas de preto, a luminosidade é mais forte, as temáticas das mostras direcionam-se mais ao fim dos períodos ditatoriais e os espectadores tem total controle espacial, pois sem penumbra, tudo se torna ameno. O memorial, espaço destinado a revelar as crueldades, mentiras e avanços dos períodos autocráticos do século XX no Brasil, se faz como um grande labirinto, o qual a imagem é a literal tradução do espaço e todos ficam absorvidos no desconhecido.

Este percurso do memorial acaba no cume da visuais externas, o marco. Esta torre é o final do circuito projetado para o museu, na qual o visitante ao chegar se depara com um espaço aparentemente simples e pequeno, dotado por uma enorme porta maçoiça de aço. Isso poderia não ter nada demais, mas acontece, ao se estar lá dentro, de ver um molécul-pé-direito de seis andares, um fogo misterioso que somente se revela em clarão em seu ponto mais alto e uma estranha sensação de se poder ficar preso ali. O marco, torre ou pira, é fundamental para o projeto, por que, de várias formas, é o que fecha a proposta, criando focos e diferentes percepções visuais, pois a partir dele todos podem sair do plano do chão e olharem finalmente para o céu.

Por fim, a moldura verde, ou jardim das falácias, é o entorno criado no terreno que ressalta tudo o que se desenvolve ali dentro. Mais do que um simples ajardinamento, essas árvores são esculturas postas para se refletir – pau-ferro com seus troncos descomodados de branco e cinza, dizendo que há a possibilidade de não se estar tratando do real.

Visto isso, este projeto, de forma geral, conversou com a cidade e com seu entorno imediato. Suas testadas secundárias foram camufladas por árvores de grande porte e sua frente, voltada para a W5, não criou pontos de poluição visual, tendo grande abertura no plano do piso e fachadas cegas que criam pontos de interrogação sobre o real proposto daquele lote. As edificações têm uma linguagem comum da cidade, com um desenho pouco rebuscado, suas alturas respeitaram as edificações circundantes e o horizonte proposto por Lúcio Costa, como os exagerados quadrados rubros deixaram-se propagar somente ao entrar, não criando conflitos fora dali.

Assim, Centro Cultural 25 de Dezembro se traduz: um projeto de busca por um entendimento ambicioso e holístico do assunto ditadura, transgredindo e avançando, para a pluralidade que é a democracia.

Tratando de forma lúdica e maníacamente, espera-se que o visitante percorra os espaços criados com curiosidade, sempre com mudanças de humor e visão a cada novo passo. Seu desenho foi feito para mostrar variações, contrastes e discussões e assim se estabeleceu como um grande espaço democrático, na qual o sol e o céu dão as respostas, por que o que há em frente é o puro clichê do esgotamento.

- A exacerbada imersão.
- O deslocamento do ar.
- O deslocamento da mente.
- A exacerbada saída.
- O que será que tem dentro daquele mar?



centro cultural 25 de outubro

projeto final de graduação (fau-urb)
matheus maramalho andrade silva (10/0017916)

orientador: prof. jaimé gonçalves de almeida (fau-urb)
coorientação: prof. alexio furtado (fau-urb)
prof. antônio c. c. carpintero (fau-urb)

colaboração: profa. andrea considerata (fai-urb)
prof. emerson dionísio gomes de oliveira (fda-urb)
prof. márcio augusto roma buzari (fau-urb)
prof. ivan do valle (fau-urb)

banca examinadora: prof. alexio furtado (fau-urb)
prof. antônio c. c. carpintero (fau-urb)
prof. jaimé gonçalves de almeida (fau-urb)
arquitecto convidado (fau-urb)
arquitecto convidado (fab-df)

evolução

